

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 444 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 07: Cultura, Tecnologia, Formação e Territórios: experiências com comunidades tradicionais e saberes étnico-raciais

Antirracismo: reflexões sobre vivências de discriminação na escola municipal Professora Marlene Andrade

Janaína Sabina Cardoso, Escola Municipal Professora Marlene Andrade (Monte Santo/Ba), janainacardosofasb@gmail.com.
Eduardo de Araujo Neto, Escola Municipal Professora Marlene Andrade (Monte Santo/Ba), earne84@gmail.com.

Palavras-chave: Cultura, Tecnologia, Formação, Territórios.

Eu odeio a minha cor.
(Disse uma aluna da respectiva Escola)

Sabe-se que infelizmente falas e comportamentos racistas estão intrínsecos à nossa sociedade e por vezes são naturalizados como condutas aceitas ou brincadeiras sem maldade e infelizmente no ambiente escolar isso é ainda mais latente, tanto que a frase em epigrafe desse relato serviu como mola propulsora para que a celebração da Consciência Negra na Escola Marlene Andrade no ano de 2019 fosse feita de maneira mais crítica e incisiva em prol da luta antirracista.

Frisa-se que a Escola Municipal Marlene Andrade possui ensino fundamental (do sexto ao nono ano) e funciona nos turnos matutino e vespertino. Tendo alunos entre a faixa etária da pré-adolescência e adolescência. Diante de alguns relatos e situações de racismo presenciadas na unidade escolar, foi vislumbrado pelo corpo docente uma reflexão sobre o papel da escola no que diz respeito à desconstrução do racismo e ênfase na luta antirracista. Segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2017) para fazer realmente uma luta antirracista é necessário entender o nosso lugar e duvidar do que parece “natural”. Trazendo essa análise para Monte Santo, é possível questionar por exemplo por que no Censo do IBGE consta somente três religiões, quais sejam, católica apostólica romana, evangélica e espírita quando os professores e alunos têm conhecimento de que há religiões de matriz africana no município e a intenção ao levar os grupos que fizeram apresentações voltadas para o Candomblé foi justamente apresentar a diversidade cultural do município, a qual tem sido ignorada até nos documentos oficiais.

Conforme dito alhures, a aquisição de atividades, projetos e ações que têm como objetivo conceber o preconceito racial enquanto um problema de exclusão precisa inserir, como bem defende Djamila Ribeiro, não ter medo das palavras “branco”; “negro”;“racismo”; “racista e dizer que determinada atitude foi racista é uma das formas de caracterizar e definir o racismo e todas as suas implicações. A filósofa defende pois, que não haja tabu em relação a essas palavras e sim o seu devido esclarecimento, e, assim, foi realizado na atividade aqui narrada que teve em seus slides, palestras, rodas de conversa e apresentações, o combate a opressão.

A necessidade de abarcar o tema também adveio das inúmeras vezes que os professores relataram situações discriminatórias e racistas em sala de aula e, assim, fez-se necessário aguçar a compreensão e o olhar antirracista. As brincadeiras que, quando passam a ser ofensivas, depreciativas e têm como foco a propagação de estigmas raciais que afetam a reputação social de todas as pessoas negras, como bem define Adilson Moreira em sua obra sobre Racismo Recreativo, precisam ser combatidas.

A ideia precípua foi trazer inúmeras formas da cultura afrodescendente para o ambiente escolar e, na mesma oportunidade, fomentar a importância do discurso antirracista, valorização da negritude e respeito às religiões de matriz africana. Nesse sentido, como bem salientou Angela Davis: “em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. Sendo, pois, imprescindível a necessidade do exercício de reconhecimento dos privilégios, questionamento da realidade e, sobretudo, uma ressignificação no combate a todas as formas de racismo.

Nesse sentido, o porquê da criação dessa atividade/projeto foi na necessidade de perceber que há nesse povoado, bem como em todo o país, diversidade nas religiões, nas culturas, nos traços e desmistificar algumas ideias colocadas “estruturalmente” na mente das crianças e adolescentes, dentre elas “a não aceitação dos seus traços” ou ainda a ideia de um só tipo de beleza. Ao perceber que muitos alunos negros e negras demonstravam medo de se posicionar, de participar de eventos escolares a ideia era proporcionar um protagonismo, permitir que aquela criança que historicamente não foi “A rainha do milho ou a líder da torcida do time de futebol, pudesse mostrar sua beleza e personalidade, falar de si, escrever sobre seus objetivos.

É crucial relatar que mesmo com o advento da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da História e das problemáticas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Nem todas as Escolas atendem a esse diploma legal e na Escola Marlene Andrade essa disciplina não compõe a grade curricular. Ainda que muitos professores insiram a História da África em atividades esparsas com o objetivo de conscientizar os discentes sobre a luta antirracista.

Sobre os atores envolvidos a ideia foi convidar toda a comunidade escolar, principalmente os pais para que esses pudessem também refletir sobre a importância de combater o racismo, a intolerância religiosa e tantos outros absurdos. Como bem sinalizou Adilson Moreira (2019), piadas e brincadeiras racistas referendam construções culturais responsáveis pela afirmação da branquitude mo um referencial de superioridade moral. E nessa linha de raciocínio, essa atividade foi a construção simbólica da negritude como uma característica estética e moralmente inferior à branquitude, um dos elementos centrais do racismo recreativo.

Os valores que buscou-se construir com a atividade foi apresentar a toda comunidade escolar amostras da cultura afrodescendente, através de atividades em todas as disciplinas que foram produzidas ao longo da unidade, dentre elas:

Declamação do Poema Navio Negreiro nas disciplinas de Língua Portuguesa e Artes feita de maneira teatral. Sendo trabalhado a cada ensaio o movimento abolicionismo na luta contra a escravatura e o tráfico de escravos oriundos do pensamento Iluminista. Também aconteceram diversas coreografias de músicas atuais voltadas para a valorização da negritude, a exemplo de Iza, Projota e Karol com K, em que pese os professores tenham dado a temática e os alunos que sugeriram as músicas que foram dançadas na atividade.

Houve ainda a confecção de Turbantes, apresentações sobre culinária africana feita por uma nutricionista, grupos de capoeira, reisado e lundu que vieram de localidades próximas e ainda um Desfile para apresentar acessórios e vestimentas voltados para as africanidades.

Sobre os desafios enfrentados insta mencionar que ainda há certa resistência por parte de alguns atores da comunidade escolar no que diz respeito à religião de matriz africana, alguns mitos ainda rondam o respectivo povoado e isso causou estranheza para algumas pessoas. Todavia, a apresentação de lundu foi apreciada e respeitada por todos.

Ainda no que diz respeito às danças houve a apresentação de uma coreografia executada por um professor vestido de Orixá Iansã que é associada à Santa Bárbara no catolicismo, devido a

influência da santa cristã sobre os raios, tempestades e trovões. Por tratar-se de um homem vestido de orixá também foi a oportunidade de trazer as discussões voltadas para a significação dos orixás e a correspondência dessas entidades com os santos da Igreja Católica.

As expectativas iniciais foram superadas, pois não contávamos com a participação de tantos pais e até pessoas da comunidade que se interessaram em participar das palestras, fizeram perguntas aos profissionais presentes e sobretudo assistiram atentamente às declamações, danças e apresentações dos alunos.

Os saberes compartilhados e construídos vieram das falas de todos que narraram situações de discriminação, desde a nutricionista negra que contou sobre situações de racismo vividas por ela durante a graduação e o policial que falou sobre a importância do Programa PROERD na luta contra o preconceito. Frisa-se que todos os professores também relataram situações e casos que se enquadravam na prática racista e sempre frisando a importância da prática antirracista mundialmente conhecida pelo discurso de Angela Davis (2016).

Djamila Ribeiro (2017) destaca em seu Pequeno Manual Antirracista, que quando criança foi ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, sem qualquer resistência. É notório que esse quadro ainda é real em inúmeras escolas e foi justamente para quebrar esse mito que o projeto ora narrado surgiu e pretende continuar trabalhando a história para além da versão dos vencedores, como bem destacou Walter Benjamin (2016).

A ideia é transcender a história oficial do Brasil indo além do mito da Democracia Racial, questionando o porquê que a aluna citada no início desse relato tem tanto ódio de sua própria cor. Quando isso foi ensinado a ela? Ou como disse Neusa Santos (1983) em sua obra “Tornar-se Negro” por que fomos definidos como raça inferior?

“Nós podemos ajudar a colocar na sociedade sujeitos que não sejam intolerantes, racistas lgbtfóbicos, machistas” como bem sinalizou Nilma Lino Gomes (2019) em entrevista ao site GZH Educação e trabalho. Destacando o papel da educação enquanto mola propulsora dessa transformação.

Por fim, é crucial destacar a importância da formação constante aos educadores, pois esses devem necessariamente trabalhar a desconstrução do racismo, preconceito e todas as formas de

discriminação existentes. Eis aí um grande desafio, que perpassa pela aquisição de práticas pedagógicas que contemplem o autoconhecimento, fundamentações teóricas além das comuns e, sobretudo, capazes de compreender as raízes estruturais do preconceito racial.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **"Teses sobre o conceito de historia"** In: ____. Obras escolhidas, Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. v.1. Magia e técnica, arte e política.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo. Boitempo.2016.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo. Pólen, 2019. Coleção Feminismo Plurais.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA. Neuza Santos. **Tornar-se negro ou as Vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

REIS, R.A.; MOREIRA, A.L.; PEDREIRA, M.S. **Técnicas para produção e conservação de fenos de forrageiras de alta qualidade.** In: SIMPÓSIO SOBRE PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FORRAGENS CONSERVADAS,1., 2001, Maringá. Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2001. p.1-39.